

Da mulher líquida à mulher sólida: por uma nova relação criativa
Claudia Pastore¹

d.o.i. 10.13115/2236-1499v2n18p567

RESUMO:

Este trabalho tem como objetivo investigar a problemática em que se encontra a mulher atual em nossa sociedade. Problemática esta surgida de um visível desconforto gerado entre a dualidade que carrega em sua essência, ou seja, *como ajustar o feminismo ao feminino?*

A mulher, depois de tantas batalhas (e isto não quer dizer que ainda não esteja lutando, pois temos muito a conquistar ainda), conseguiu o seu lugar no mundo do trabalho. À duras penas, sabemos disso, sublimando sua própria essência feminina como, por exemplo, seu desejo de constituir uma família, ser amada, e, principalmente, o de ser mãe, o que a diferencia indiscutivelmente do homem. Como sabemos, a mulher moderna prefere obter primeiramente sua independência financeira, sua realização profissional, para depois pensar na maternidade, contrariando assim seu próprio relógio biológico pois, de acordo com estudos médicos, o melhor período para a mulher engravidar é entre os vinte e os trinta e cinco anos, sendo que, após este, os óvulos começam a envelhecer.

Diante de tal conflito, neste trabalho surgem margens para diversos questionamentos, ou seja, o que houve para a mulher chegar onde chegou e, principalmente, como se encontra essa mulher agora? Não deixando de pensar no oposto da situação; como se encontra o homem que se relaciona com essa “nova” mulher? Será que a insatisfação gerada com relação aos novos “amores líquidos” é sentida somente pela mulher?

Para tal, abordaremos estudos feitos por autores renomados, como o do cientista social e filósofo alemão Zygmunt Bauman, com seu “Amor Líquido”, dentre outros, relevantes à pesquisa, como o da autora de “Complexo de Cinderela”, Collete Dawling, obra extremamente

¹ Claudia Pastore é Doutora em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo.

importante, surgida nos anos 80, Camille Paglia, professora e ensaísta norte americana, e também do renomado psicanalista brasileiro Içami Tiba.

Palavras-chave: gênero, sexo, feminino, masculino, atualidade.

ABSTRACT

This study aims to investigate the problem in the current woman lies in our society. Problematic this emerged a visible discomfort generated between the duality that carries in its essence, that is, how to adjust feminism to women.

The woman, after so many battles (and this does not mean it is not fighting because we have a lot to win yet), got his place in the working world. With great difficulty, we know that, sublimating their feminine essence as the desire to be loved, raising a family, and especially to be a mother, what differentiates arguably the man. As we know, modern women prefer to first obtain financial independence, their professional achievement, then think about motherhood, thus contradicting its own biological clock, because, according to medical studies, the best time for a woman to become pregnant is between twenty and thirty-five, this period in which the eggs begin to age.

Faced with this conflict, this work come margins to several questions, namely, what happened to her near where he and especially as this woman is now? Leaving thinking about the opposite of the situation; as is the man who relates to this "new" woman? Does dissatisfaction generated with respect to the new "liquid love" felt only by women?

To this end, we will cover studies by renowned authors such as social scientist and German philosopher Zygmunt Bauman, with its "Liquid Love", among other relevant research, as the author of 'Cinderella Complex ', Collete Dawling extremely important work that emerged in the 80s, Camille Paglia and also the renowned Brazilian psychoanalyst Içami Tiba.

Keywords: gender, sex, female, male, today.

Vivemos num contexto onde jamais se falou tanto em diversidade, onde jamais se explorou tanto as diferenças, refiro-me aqui às diferenças de gênero. E o que significa gênero?

Gênero pode ser definido como aquilo que identifica e diferencia os homens e as mulheres, ou seja, o gênero masculino e o gênero feminino.

De acordo com a definição tradicional de gênero, este pode ser usado como sinônimo de sexo, referindo-se ao que é próprio do sexo masculino, assim como do sexo feminino.

No entanto, a partir do ponto de vista das ciências sociais e da psicologia, o gênero é entendido como aquilo que diferencia socialmente as pessoas, levando em consideração os padrões histórico-culturais atribuídos para os homens e mulheres.

Por ser um papel social, o gênero pode ser construído e desconstruído, ou seja, pode ser entendido como algo mutável e não limitado, como definem as ciências biológicas.

Nos estudos biológicos, o conceito de gênero é um termo utilizado na classificação científica e agrupamento de organismos vivos, que formam um conjunto de espécies com características morfológicas e funcionais, refletindo a existência de ancestrais comuns e próximos.

Por exemplo, *homo sapiens* é o nome da espécie humana a qual pertence o gênero *homo*. Por outro lado, a identidade de gênero consiste no modo como determinado indivíduo se identifica na sociedade, com base no papel social do gênero e no sentimento individual de identidade da pessoa. O conceito da identidade de gênero não está relacionado com os fatores biológicos, mas sim com a identificação do indivíduo com determinado gênero (masculino, feminino ou ambos).

Outro exemplo, uma pessoa que biologicamente nasceu com o sexo masculino, mas que se identifica com o papel social do gênero feminino, deve ser socialmente reconhecida como uma mulher.

Esta pessoa é denominada transgênera, pois possui uma identidade de gênero diferente da biológica.

É incorreto, no entanto, relacionar a identidade de gênero com a **orientação sexual**. Existem pessoas transexuais, por exemplo, que

podem ser heterossexuais, homossexuais ou bissexuais, assim como acontece com as pessoas cisgênero.²

A fim de direcionarmos com maior objetividade o fluxo de nosso raciocínio, escolhemos investigar e discorrer sobre as pessoas cisgênero, pois, de modo contrário, nos distanciariamos dos conceitos abordados por nossos autores.

De acordo com Içami Tiba, no que diz respeito ao homem e à mulher, ele nos oferece as seguintes classificações:

“Fêmea/Macho: uso esses conceitos para me referir ao funcionamento do ser humano segundo seu determinismo biológico, que é regido principalmente pelos hormônios vitais (muitos deles sexuais). A fêmea se comporta conforme seus períodos de estrogênio ou progesterona, que se alternam ciclicamente. Já o macho tem o comportamento invariavelmente regido pela testosterona. Termos como fêmea e macho se aplicam ao humano animal que não usa a mente, muito menos a alma.

Feminino/Masculino: Trata-se do aspecto humano que envolve tanto a mente quanto a alma nos sentimentos e ações. Termos como feminino e masculino distinguem o humano do animal irracional, que segue o seu determinismo biológico. É o que presenteia o ser humano por meio do enriquecimento da mente e do engrandecimento da alma.”³

² No âmbito dos estudos relacionados ao gênero humano, o cisgênero é a oposição do transgênero, pois este último se identifica com um gênero diferente daquele que lhe foi atribuído quando nasceu.

³ TIBA, Içami. Conversas com Içami Tiba, vol.4, p.p. 14-15.

Sendo assim, podemos nos perguntar; como as mulheres se sentem em meio a tantos desencontros, à tanta liquidez relacional, enfim, à tanta solidão?

Refiro aqui às mulheres que almejam construir um lar, independente, ou juntamente à sua realização profissional, pelo simples desejo de exercer o papel de mulher, de ter um companheiro e filhos também.

Será que essa escalada desenfreada da mulher em busca de uma pseudo liberdade financeira confundiu os homens ou ainda precisamos aparar algumas arestas tão cortantes e que só nos machucam?

Zigmunt Bauman refere-se ao “amor líquido”, enquanto fragilidade dos laços humanos. Ele nos diz, no prefácio de seu livro:

“O principal herói deste livro é o relacionamento humano. Seus personagens centrais são homens e mulheres, nossos contemporâneos, desesperados por terem sido abandonados aos seus próprios sentidos e sentimentos facilmente descartáveis, ansiando pela segurança do convívio e pela mão amiga com que possam contar num momento de aflição, desesperados por “relacionar-se”. E, no entanto, desconfiados da condição de “estar ligado”, em particular de estar ligado “permanentemente”, para não dizer eternamente, pois temem que tal condição possa trazer encargos e tensões que eles não se consideram aptos nem dispostos a suportar, e que podem limitar severamente a liberdade de que necessitam para (...) relacionar-se... Em nosso mundo de furiosa “individualização”, os relacionamentos são bênçãos ambíguas. Oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como determinar quando um se transforma no outro (...) No líquido cenário da vida moderna, os relacionamentos talvez sejam os representantes mais comuns, agudos,

perturbadores e profundamente sentidos da ambivalência. E por isso, podemos garantir, que se encontram tão firmemente no cerne das atenções dos modernos e líquidos indivíduos-por-decreto, e no topo de sua agenda existencial”⁴

Se pensarmos bem, não faz tanto tempo assim que as mulheres passaram a ser vistas de modo diferente em nosso cenário cultural, pois que a expressão artística reflete sempre o contexto em que está submersa. Os anos 70, por exemplo, para a poesia, foi um período que exigiu um discurso à parte. São bases dessa poética:

- O ressurgimento do discurso poético em oposição à sintaxe gráfica.
- A fala autobiográfica – a livre expressão do desejo e da memória.
- A revalorização da função emotiva da linguagem.
- A subordinação do objeto à verdade do sujeito e do grupo.

Em um movimento inverso, retomemos um pouco de nossa cultura histórico-política.

A partir de **1930** há um acentuado crescimento das classes médias e do operariado, com o aquecimento da industrialização e urbanização. Com relação às artes, sucedem grandes transformações na esteira da modernização, tendo como espelho a cultura européia, como também o “Brasil Novo”. Por outro lado, descobre-se o “país pobre e colonial”, como avesso do novo, assumindo posição de destaque o engajamento e denúncia enquanto temas da produção cultural: Graciliano Ramos, Jorge Amado, José Lins do Rego, Érico Veríssimo e outros.

Em **1937**, Getúlio Vargas toma o poder e inaugura o período da ditadura do chamado Estado Novo. O Brasil vai à Guerra em 1942 contra o Eixo (Alemanha, Japão e Itália), quando vê crescer pouco a pouco sua dependência aos americanos.

⁴ BAUMAN, Z. Amor Líquido. p.p.8-9.

Em **1945**, surgem algumas tentativas de resistência cultural ao Estado Novo: Rosa do Povo, de Drummond; Poesia e Liberdade, de Murilo Mendes; ao lado dos estreantes; Clarice Lispector, Guimarães Rosa e João Cabral de Melo Neto. Ainda em 1945, Eurico Gaspar Dutra é eleito para a presidência da República. O seu governo, que vai de 1946 a 1951, promove a repressão e prisões.

Na década de **50**, problemas econômicos e planejamento industrial são intensamente discutidos. A industrialização ganha novas forças.

A partir de **1956**, o presidente Juscelino Kubitschek, impulsiona esse processo com suas famosas Metas e o projeto de fazer a economia brasileira crescer. Nas artes, em um primeiro momento, investe-se na experimentação, ou seja, busca-se um padrão internacional; vanguardismo: os concretistas na poesia e na pintura; os seguidores do *nouveau-roman* na prosa; a bossa-nova e o teatro clássico – TBC (Teatro Brasileiro de Comédia).

Em **1960**, Brasília é inaugurada no planalto central. A poesia e o romance perfazem-se engajados; o teatro de combate e a música de protesto.

De **1960 a 1964**, o recrudescimento das tensões sociais caminham para crises político-sociais e à Revolução de 1964, quando é encerrado o período populista. É quando o governo se propõe a moralizar e desinflacionar o país.

Em **1968**, fecha-se o Congresso Nacional, instaurando-se o Ato Institucional número 5, o AI-5 e outras medidas repressivas. A censura federal passa a cortar e proibir filmes, livros, jornais e peças teatrais. É uma época de mortes, prisões, torturas e exílio.

Por volta de **1973**, o país encontra-se pobre e endividado. É um período de perspectivas negras para a cultura: “vazio cultural”.

A literatura, a música, o teatro; as artes em geral, surgem timidamente, sendo considerados de resistência, alcançando maior proeminência a partir da segunda metade da década de 70. É o momento dos livros de memórias, do romance-mosaico, dos contos do proletário, da classe média (Moacyr Scliar), com o intuito de registrar a grande tragédia.

Contudo, em fins de **1978** e início de **1979**, começamos a viver a história da abertura e da anistia, constituindo-se como a bandeira mais

popular do novo governo. Revistas e jornais proliferam-se, novos livros são publicados; voltam os exilados e também as greves.

Notemos que Olga Savary, artista por mim estudada em livro publicado em 2009 ⁵, estreou em 1970, com a publicação de *Espelho Provisório* (poesia), pela José Olympio. Em 1975 foi escolhida *Mulher do Ano em Literatura* pelo jornal *O Globo*, do Rio de Janeiro. Em 1977, publica seu segundo livro *Sumidouro*, pela Massao Ohno, João Farkas/Editores, S.P. Em 1979, o terceiro; *Altaonda*, Edições Macunaíma/Massao Ohno Editores e, em 1982, publica *Magma* (Massao Ohno/Roswitha Kempf/Editores) saudado pela imprensa e pela crítica como o primeiro livro todo em **temática erótica** escrito por mulher no Brasil.

Esta “nova geração”, segundo Bosi, professor e crítico literário brasileiro, desvincula-se das vanguardas e resiste aos modismos gerados pelo desenvolvimento tecnicista. **Tal poética, a partir dos anos 70, tem a força de um testemunho**, e caracteriza-se pela fala autobiográfica, assim como pela **livre expressão do desejo** e da memória, em um movimento de revalorização da função emotiva da linguagem.

E não é à toa que Içami Tiba demonstra, de maneira leve, porém perspicaz, que na mulher a região cerebral responsável pela fala é mais ativa que no homem, pois isso é comprovado pelo exame de ressonância magnética do cérebro. Ele nos diz que os homens falam para comunicar fatos, enquanto as mulheres falam para se relacionar.

Mas voltemos às instâncias oníricas de Bauman, quando afirma que em nosso mundo de furiosa “individualização”, *os relacionamentos são bênçãos ambíguas*. Oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como determinar quando um se transforma no outro.

E é justamente nesta direção que vai Collete Dawling em seu *Complexo de Cinderela* ⁶. A autora, nos anos 80, afirma que fomos educadas com a mensagem de que seríamos parte de um outro, que seríamos protegidas, sustentadas, alimentadas pela felicidade conjugal até o último de nossos dias. E isto não faz tanto tempo assim...

⁵ PASTORE, Claudia. *Falas femininas, Eros e Poesia: um estudo sobre o erotismo na escritura feminina*. Nelpa, 2009.

⁶ DAWLING, C. *Complexo de Cinderla. Melhoramentos*, 1981.

Hoje em dia, será que nossas meninas ainda recebem tal mensagem? Acho difícil, pois, de lá para cá, muitas mudanças aconteceram, principalmente com relação à própria imagem da mulher gerada pela mídia e à destituição do papel da família (inversão de papéis e funções).

Não só Dawling como também Camile Paglia, refere-se à mulher de maneira antifeminista, ou seja, em suas palavras:

“As mulheres querem que os homens se comuniquem como elas. Mas, em toda a história da humanidade, as mulheres viveram entre si e os homens viveram entre si. Eram dois mundos separados. As mulheres cuidavam das crianças, da casa, da alimentação, e os homens caçavam e faziam o trabalho pesado. O problema hoje é que as mulheres, educadas e ambiciosas, querem entrar no novo mundo burguês do trabalho em escritórios, que são parte do legado da Revolução Industrial. Então temos um novo mundo em que homens e mulheres trabalham lado a lado nos escritórios, em que a divisão do trabalho entre homens e mulheres não existe. Portanto, ambos tem de mudar suas personalidades para se encaixar nessa realidade porque ambos são uma unidade de trabalho, são a mesma coisa. É muito frustrante para os dois porque, neste ambiente neutro, em que as mulheres ganharam muito poder, a sexualidade do homem ficou neutralizada. E essas mulheres querem se casar com um homem que seja fácil de se comunicar. E fora do ambiente de trabalho, qualquer homem que se comporte como homem provoca reações negativas. Eu vejo grande infelicidade entre mulheres profissionais porque elas querem que suas vidas amorosas tenham a comunicação maravilhosa (e lembremos aqui de

Içami Tiba que nos diz que a mulher fala para relacionar-se), que elas tem com outras mulheres. A mulher profissional casa com o homem profissional e espera que, ao chegar em casa de noite, ele se comunique com ela como suas amigas ou seus amigos gays. E os homens heterossexuais jamais serão capazes na arte da análise emocional. Não dá para cobrar perfeição dos homens, como se estivéssemos no escritório. Homem e mulher tem de convergir numa unidade de trabalho. Há uma terrível desconexão para as mulheres entre suas vidas profissionais e amorosas. Para os homens não é tão difícil porque eles encontram sexo mais facilmente (...) para mulheres, é um período terrível de infelicidade, porque elas tem muita dificuldade em ajustar a mulher do trabalho, que tem poder e conquistas, com a mulher emocional, uma arena na qual as habilidades exercidas no escritório não funcionam. Para os homens é frustrante porque, se o trabalho que eles fazem pode também ser feito por uma mulher, no que consiste sua masculinidade, afinal? Se antes o homem tinha o trabalho pesado, braçal, hoje, eles estão se perguntando quem são.”⁷

Sendo assim, de acordo com Dawling e Paglia, a mulher ainda espera algo do homem e este se encontra perdido, sem saber o que oferecer a esta mulher. Ou será que, diante de tanta confusão e frustração, o homem resolveu deixar tudo de lado e remar contra a corrente de qualquer espécie de relação mais duradoura, ou seja, menos líquida?

De acordo com Bauman, sim. Mas, e a questão da felicidade? Nos dias de hoje cresceu em demasia o número de pessoas que vivem sozinhas, assim como o número de divórcios e separações. O casamento perdeu a conotação do “felizes para sempre” e tornou-se muito mais do

⁷ Camile Paglia em entrevista à Folha de São Paulo, Ilustrada, 24/04/2015.

que líquido, independente se com filhos pequenos ou não, os casais não mais titubeiam perante qualquer insatisfação na vida a dois – partem para a separação.

Encontramo-nos num mundo onde os laços transformaram-se em pedaços perdidos e esgarçados à procura, ainda, que por ironia, de sua outra parte mas, acredito que, cada vez mais em vão...

Muitas vezes, ao adquirirmos novas formas tão almeçadas de existir, como a gerada pela nossa era tecnológica, perdemos outras que nos traziam muito mais alento diante das vicissitudes da vida, ou seja, o bom convívio, a amizade, a confiança, o bem querer, enfim, o amor.

Tenhamos esperança que toda essa liquidez, em breve, ressurgirá em estado sólido para que possamos guardá-la em algum lugar de nossa breve existência, para a presentarmos aos nossos filhos, não digo, mas aos nossos netos, bisnetos, etc. Mas, que fique bem claro, não um estado sólido gélido e sem vida, muito pelo contrário, um sólido cheio de atitude e vontade de cooperar, de compartilhar, de ser e de ter um companheiro, como tão bem descreve Leonardo Boff, sobre o surgimento de uma nova relação entre homens e mulheres: a *relação criativa*.⁸

“A criatividade é a dinâmica do próprio universo. Seu estado natural não é a estabilidade mas a mutação criativa. Tudo é fruto da criatividade natural ou humana. A Terra é fruto de uma Energia criadora, misteriosa e carregada de propósito que atua já há 13,7 bilhões de anos. Se não estivéssemos sob a ação desta criatividade, nunca teríamos chegado até aqui (...)

A luta contra o patriarcado supõe um reengendramento do homem. Seguramente nessa tarefa ele não conseguiria dar o salto de qualidade sozinho e por si mesmo. Daí ser

⁸ Pseudônimo de **Genézio Darci Boff** (Concórdia, 14 de dezembro de 1938), é um teólogo, escritor e professor universitário brasileiro, expoente da Teologia da Libertação no Brasil e conhecido internacionalmente por sua defesa dos direitos dos pobres e excluídos

importante a presença da mulher ao seu lado. Ela poderá evocar nos homens o feminino escondido sob cinzas seculares (o cuidado, a cooperação, o poder como serviço, etc). Ela poderá ser coparteira de uma nova relação humanizadora. O primeiro a se fazer é privilegiar os laços de interação mútua e a cooperação igualitária entre homem e mulher. Aqui se impõe um processo pedagógico na linha de Paulo Freire: ninguém liberta ninguém, mas juntos, homens e mulheres, se libertarão num exercício partilhado de liberdade criadora.

⁹

Neste sentido podemos pensar que se a mulher abraçou tão bravamente a “função” de produtora da força de trabalho, papel este designado somente ao homem, gerando renda, mostrando capacidade e decisão, por que, então é que o homem resiste de maneira tão veemente em abrir um espaço “feminino” às suas funções?

Ainda hoje ouvimos falar na separação de funções entre homens e mulheres, ainda hoje ouvimos mães dizerem aos seus filhos que isso é coisa de menina e vice versa. Claro que não quero, nem pretendo levantar aqui qualquer bandeira contra ou a favor do feminismo ou do machismo, porque também acredito que nem tudo possa ser compartilhado por homens e mulheres ao mesmo tempo mas, vislumbro sim, o início de uma nova consciência que nos traga um pouco mais de respeito, respeito esse que só pode ser mútuo para que gere a tão almejada felicidade que, antes, um estado a ser atingido e, hoje, objeto de estudo científico.

⁹ Boff, L. “Homens e mulheres: novas relações criativas. <

<https://leonardoboff.wordpress.com/2014/05/11/homens-e-mulheres-novas-relacoes-criativas>. Acesso em 04/10/16.

Entre o ser e o sentir, o querer mudar para ser realmente feliz... No percurso deste caminho, concluímos que existem atalhos de difícil acesso mas que, aos poucos, estão sendo liberados.

A sociedade nos cobra e sempre irá nos cobrar. Mas, por outro lado, precisamos pensar que a sociedade é a soma de todos nós; todos, homens e mulheres, masculinos e femininos.

Retomando Içami Tiba, o ser masculino ou feminino trata do aspecto humano que envolve tanto a mente quanto a alma nos sentimentos e ações. Termos como feminino e masculino distinguem o humano do animal irracional, que segue o seu determinismo biológico. É o que presentia o ser humano, por meio do enriquecimento da mente e do engrandecimento da alma.”

Tenhamos alma, então, para refletirmos sobre tais aspectos tão pertinentes em nossa atualidade, por si só, sedenta de respeito e, principalmente de amor.

Se *bençãos ambíguas* é a definição mais nobre para os relacionamentos, busquemos, então, sermos abençoados e abençoarmos também.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004

DOWLING, Collete. Complexo de Cinderela. Tradução de Amarylis E.F.Miazzì. São Paulo: Melhoramentos, 1987.

PASTORE, Claudia. Falas Femininas – Eros e Poesia: um estudo sobre o erotismo na escritura feminina. São Paulo: Nelpa, 2009.

TIBA, Içami. Conversas com Içami Tiba: volume 4. São Paulo: Integrare, 2009.

Artigos publicados na Internet:

Boff, L. “Homens e mulheres: novas relações criativas”. <
<https://leonardoboff.wordpress.com/2014/05/11/homens-e-mulheres-novas-relacoes-criativas>. Acesso em 04/10/16.

Paglia, C. “Mulher deve ser maternal e parar de culpar o homem”. <
<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/04/1619320-nao-publicar-entrevista-camille-paglia-fronteiras-do-pensamento.shtml>. Acesso em 16/02/2016.

Paglia, C. “O feminismo não é honesto com as mulheres”. <
<http://revistaepoca.globo.com/vida/noticia/2012/03/camille-paglia-o-feminismo-nao-e-honesto-com-mulheres.html>. Acesso em 16/02/2016.